

## RETABILÍSTICA BARROCA DA CATEDRAL DE SÃO PEDRO

DENISE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS<sup>1</sup>; LYBER BERMUDEZ<sup>2</sup>; MELISSA CHRIST ROVERE<sup>3</sup>; VANDA MAGLIONE<sup>4</sup>; LUCAS MACHADO<sup>5</sup>; NEIVA MARIA FONSECA BOHNS<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – denlemos@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas 2 – lyber.bermudez@gmail.com 2

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas 3 – melcrovere@gmail.com 3

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas 4 – vandamaglione@gmail.com 4

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas 5 – lmachadocampos@bol.com.br 5

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas 6 – bohnsventos@gmail.com 6

### 1. INTRODUÇÃO

A fé antecipou a ocupação política lusa no Rio Grande do Sul, com a fundação da primeira paróquia, vinculada à Diocese do Rio de Janeiro, em 1736. A partir da gênese da povoação no Rio Grande do Sul, construíram-se os primeiros templos, todos frágeis às dificuldades climáticas e geográficas. Desde então, foram tomadas providências no sentido de dotar o povoado de um templo mais bem edificado, sendo lançada a pedra fundamental em 1754 e inaugurando-se a Matriz de São Pedro em 25 de agosto de 1755. Conhecida como “catedral” por sua imponência, a Matriz de São Pedro, como a vila, sofreu com a invasão espanhola (1763-1776) e foi um marco da retomada luso-brasileira do Rio Grande. Apesar das tendências que previram a necessidade de uma nova igreja para a cidade do Rio Grande, ao longo do século XIX e do seguinte, a Matriz sobreviveu ao espírito modernizador e, em nome da tradição histórica e da preservação patrimonial, foi tombada em 1938. Elevada à categoria de Catedral em 1971, progressivamente a Igreja de São Pedro foi se tornando um símbolo da Cidade do Rio Grande, mormente a partir da década de 1980. Nos anos 90, a Catedral de São Pedro passaria por ampla restauração, que permitiu um contato ainda maior da comunidade com a sua história, culminando com as comemorações dos seus 250 anos em 2005. O templo garantiu as vivências individuais e coletivas de todos os homens e mulheres que pisaram seu solo. Preservando a memória coletiva dos rio-grandinos, o templo, perpassou o tempo.

Ao site da Catedral de São Pedro, o historiador Prof. Dr. Francisco das Neves Alves escreveu:

“Enfrentando temporais, areias, confrontos bélicos, ideias modernizantes, interesses imobiliários, enfim, as intempéries naturais e as mais variadas idiossincrasias e inconsequências do ser humano, a Catedral de São Pedro resistiu. Núcleo da formação histórica rio-grandina, a Igreja tornou-se o verdadeiro (ainda que não oficial) símbolo da cidade e, até hoje constitui o marco central da comuna e, junto de seu entorno, representa o grande ponto de encontro das vivências, do cotidiano, ainda mais nesta época de significativa desumanização, da sociabilidade entre os seres humanos.

Perpassando dois séculos e meio, a Catedral de São Pedro, como patrimônio e, portanto, lugar da memória histórica, significa um ponto de inflexão nas inter-relações e articulações, entre o passado e o presente, deixando também uma mensagem para o futuro, na forma de uma simples palavra, mas cheia de sentido e significância, uma única palavra que tem servido para dar sentido à vida dos rio-grandinos que viveram à sombra e protegidos pelas paredes deste nosso templo - perseverança.

Ela não foi destruída, o templo perpassou o tempo, ela esta aqui, não é simplesmente um prédio inanimado, ela é um símbolo, um repositório de lembranças uma guardiã da memória coletivo, um patrimônio histórico dos rio-grandinos, dos gaúchos, dos brasileiros e, enfim, da humanidade”

No interior da Catedral encontramos verdadeiras relíquias da arte sacra que remontam aos séculos XVIII e XIX. Na vista geral da nave encontramos sete retábulos com estilo eclético e um em estilo Barroco. Todas as imagens são esculpidas em madeira (com exceção da imagem de São José que é em gesso), possuem olhos de vidro e com pintura em ouro. Entre as belíssimas imagens encontramos a de Nossa Senhora da Conceição, Ostensório em honra ao Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, Sant’Ana, Nossa Senhora das Dores (imagem de Roca - ela é vestida - 1815), Cristo Ressuscitado (imagem rara e de belíssima feitura - 1845) e de São Miguel Arcanjo feita em papel machê - esta imagem encontra-se no retábulo de estilo barroco, um dos mais importantes do Rio Grande do Sul do ponto de vista histórico e artístico. É o único retábulo que mantém na íntegra a camada pictórica original nas cores carmin, azul e dourado, com características do Barroco (1780)

No retábulo-mor, no presbitério, encontramos, no camarim central, a imagem de São Pedro - Padroeiro da cidade - e ao lado deste camarim encontramos dois nichos com as imagens de São Paulo e de Santa Rita de Cássia (imagem barroca das mais antigas da Catedral de São Pedro, com camada pictórica original - século XVIII). Abaixo do retábulo-mor encontramos a imagem do Cristo Morto que todos os anos sai, em procissão, na Sexta-feira Santa.

Na Capela Votiva temos o retábulo de Nossa Senhora da Soledade e também a lindíssima imagem de Nosso Senhor dos Passos.

No batistério encontramos a Pia Batismal em pedra, vinda de Portugal, e a arca dourada - obra artisticamente esculpida em madeira de sândalo, que é usada como tabernáculo de Jesus Eucarístico durante a Semana Santa.

Quanto á arquitetura a Catedral é tida como o exemplar mais valioso da cultura sacra do Rio Grande do Sul. Seu prédio é em estilo Barroco colonial português, sem maiores atavios, devido às dificuldades financeiras enfrentadas, na época, pela Real Fazenda. Foi mandada construir pelo General Gomes Freire de Andrada, a pedido do vigário Padre Manoel Francisco da Silva, com projeto do Ten. Engenheiro Manuel Vieyra Leão que utilizou o material e os operários que trouxera para a construção da residência do governador. A estes coube a construção da capela-mor e a frontaria, e ao povo coube construir o corpo da Igreja. Nas laterais da fachada temos duas torres com cúpulas de quatro gomos curvos, pináculo no topo e ornamentos com quartinhos de barro nos cantos.

Na torre leste temos três sinos. Na torre oeste temos o relógio instalado em 1848, que foi atingido por um raio em 1878. Com o passar do tempo, perderam-se peças originais, o que impossibilitou, por muito tempo o seu funcionamento. Foi substituído por um relógio mais moderno.

A portada com verga em arco abatido, foi talhada em gnaisses, pedra vinda de Portugal. O prédio sofreu acréscimos de dependências laterais, inicialmente térreas e posteriormente um segundo pavimento. No seu frontão ostenta um brasão de origem desconhecida. A porta tem duas folhas de madeira maciça com almofadas e ferragens forjadas. Acima da portada existe uma placa, em mármore, comprovando a data da construção do templo: 25 de agosto de 1755. E, acima da placa, uma janela com verga e peitoral curvo. À direita do pórtico de entrada tem uma placa em mármore, com transcrição de uma carta do Marquês de Tamandaré - Patrono da Marinha do Brasil - que diz ter ele ali recebido os santos

óleos (Batismo). No seu interior, as paredes do altar-mor são revestidas de escaiolas que datam de 1901.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa busca levantar informações sobre material de arte barroca, com objetivo de disponibilizar este material em forma de acervo para as escolas da cidade de Rio Grande, Pelotas e arredores, lugares que sofreram grandes influências do barroco colonial português em sua cultura local. Através deste material preservado pretendemos contribuir com ferramentas para pesquisas e salientar a importância da preservação destas peças para a identidade histórica e cultural.

O presente trabalho busca então analisar a construção, encontrar e definir os traços artísticos presentes no retábulo, além de compreender a simbologia e a função litúrgica dos retábulos com o intuito estudar o retábulo de São Miguel, mapeando quais são os temas iconográficos mais recorrentes na decoração deste retábulo e sua classificação. Especificamente, busca-se analisar o significado religioso, a função litúrgica e a composição decorativa dos retábulos da Catedral de São Pedro; contribuir para o avanço das pesquisas sobre Cultura Barroca, Religiosidade e Iconografia Cristã na cidade de Rio Grande, bem como analisar a simbologia dos temas iconográficos usados na decoração deste retábulo.

Para chegar aos resultados pretendidos, serão desenvolvidas atividades específicas, como leitura bibliográfica, interpretação de símbolos cristãos, análise de documentos (manuscritos, impressos e imagéticos). Também serão feitos registros fotográficos e pesquisas históricas, entrevista levantamento de dados com cidadãos ligados à igreja, além da identificação dos materiais e das técnicas constitutivas da policromia.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa em questão está em seus primeiros passos. Até o presente, foram realizadas pesquisas bibliográficas, registros fotográficos do retábulo e primeiro contato com os possíveis entrevistados. Abaixo, na Figura 01, o retábulo que será estudado nesta pesquisa.



Figura 01: Retábulo de São Miguel na Catedral de São Pedro

#### 4. CONCLUSÕES

Ao final desta pesquisa, será possível entender as técnicas e materiais utilizados para criação do retábulo de São Miguel, bem como o significado dos símbolos e demais elementos que compõe o espaço. Indo além, o trabalho será disponibilizado para a Catedral de São Pedro, bem como para a comunidade rio-grandina em geral, permitindo aos cidadãos mais contato com a arte e a história do primeiro e principal ponto religioso do município.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HILL, Marcos C. de Senna. Francisco Xavier de Brito: Um artista desconhecido no Brasil e em Portugal. Revista do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Ouro Preto, n. 3, dez. 1996, p. 50.

TOLEDO, Benedito Lima de. Do século XVI ao início do século XIX: maneirismo, barroco e rococó. In: Zanini, Walter et al. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, Fundação Djalma Guimarães, 1983, v. 1, p. 89-319.

Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.v. 6, n. 2 (maio/ago. 2014) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2014. ISSN: 1984-6150 -  
[www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista](http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista)